20º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

11 DE OUTUBRO DE 2026

MATEUS 22.1-14

1 LEITURAS E SUAS CONEXÕES

O Salmo 23, Isaías 25.6-9 e Filipenses 4.4-13 apresentam, cada um a seu modo, uma realidade fundamental da fé: Deus provê, sustenta e conduz o seu povo, de modo que este pode viver na confiança e na alegria, mesmo quando as circunstâncias não são favoráveis.

1.1 Salmo 23

O Salmo 23 apresenta a relação entre Deus e seu povo por meio da imagem do pastor e de suas ovelhas. O Senhor não é apresentado simplesmente como alguém que concede determinadas bênçãos, mas como aquele de quem depende toda a vida do seu povo: “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará”. Ele conduz às águas tranquilas, leva aos pastos verdejantes, refrigera a alma e guia por caminhos de justiça. A segurança da ovelha não está em sua própria capacidade de encontrar o caminho ou prover seu alimento, mas no cuidado daquele que a conduz.

Entretanto, o salmo não descreve uma vida sem dificuldades. A ovelha também atravessa o “vale da sombra da morte” e encontra-se diante de adversários. A diferença está na presença do Pastor: “não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo”. Mesmo em meio ao perigo, o Senhor continua cuidando dos seus. A imagem muda, então, do pastor que conduz ao anfitrião que recebe: Deus prepara uma mesa diante dos inimigos, unge a cabeça e faz o cálice transbordar. Aquele que conduziu o seu povo pelo caminho é também aquele que lhe prepara uma mesa de abundância.

O salmo termina olhando para o futuro. A bondade e a misericórdia do Senhor acompanharão o seu povo, e a habitação junto dele será seu destino. Há, portanto, uma forte relação entre o cuidado presente de Deus e a esperança futura que ele oferece. O

povo de Deus vive porque é conduzido e sustentado pelo Senhor, e caminha em direção à comunhão definitiva com ele.

1.2 Isaías 25.6-9

Isaías amplia a imagem da mesa e apresenta uma promessa de alcance universal. No monte, o Senhor dos Exércitos prepara um banquete para todos os povos, com comidas excelentes e vinhos de qualidade. Não se trata simplesmente de uma refeição abundante, mas de uma imagem da salvação que o próprio Deus realizará. Aquilo que separa e oprime a humanidade será removido: o véu que cobre os povos será destruído, a morte será tragada para sempre, as lágrimas serão enxugadas e a vergonha do povo será retirada.

A atenção da profecia está, sobretudo, naquilo que Deus fará. O povo olha para o Senhor e reconhece nele aquele em quem esperava. A salvação não nasce da capacidade humana, mas da intervenção de Deus. É ele quem prepara a mesa, remove a morte, enxuga as lágrimas e realiza aquilo que seu povo aguardava.

Por isso, o texto une expectativa e alegria. O povo que espera pelo Senhor também poderá celebrar quando sua promessa se cumprir: “Eis o nosso Deus, em quem esperávamos, e ele nos salvará”. A imagem do banquete, que já aparece no Salmo 23, ganha aqui uma dimensão ainda maior: Deus prepara uma mesa que aponta para a consumação da salvação e que alcança todos os povos.

1.3 Filipenses 4.4-13

Em Filipenses, Paulo traz essa confiança para dentro da vida concreta da comunidade cristã. “Alegrem-se sempre no Senhor” não é uma exortação para que os cristãos ignorem as dificuldades, mas um chamado para que sua alegria tenha sua origem no próprio Senhor. Por isso, mesmo diante das preocupações, Paulo orienta: “Não andem ansiosos por coisa alguma, mas, em tudo, sejam conhecidos diante de Deus os pedidos de vocês, pela oração e pela súplica, com ações de graças”.

A confiança em Deus se manifesta, assim, em uma vida que entrega a ele suas necessidades. O resultado prometido não é necessariamente a retirada imediata das

dificuldades, mas a paz de Deus, que guarda o coração e a mente em Cristo Jesus. A comunidade também é chamada a ocupar seus pensamentos com aquilo que é verdadeiro, respeitável, justo, puro, amável e digno de louvor.

Na parte final, Paulo dá testemunho de algo que aprendeu em sua própria caminhada: ele sabe viver tanto na necessidade quanto na abundância, tanto na fome quanto na fartura. Sua suficiência não está naquilo que possui nem nas circunstâncias que enfrenta. Por isso pode afirmar: "Tudo posso naquele que me fortalece". A afirmação não é uma promessa de que o cristão poderá realizar qualquer coisa que desejar, mas um testemunho de contentamento e confiança naquele que o sustenta em todas as circunstâncias.

2 PONTE PARA O EVANGELHO

Assim, as três leituras apresentam uma sequência significativa. O Senhor conduz e sustenta o seu povo; o Senhor prepara a mesa da salvação; e aqueles que vivem de sua graça são chamados a confiar nele, alegrar-se nele e permanecer firmes em todas as circunstâncias. Há, em todas elas, a iniciativa de Deus: ele conduz, ele prepara, ele salva, ele sustenta.

Essa convergência prepara o caminho para o Evangelho. A imagem da mesa, tão presente no Salmo 23 e desenvolvida na promessa de Isaías, encontra em Mateus uma expressão ainda mais definida: há um Rei que prepara uma grande celebração e faz um convite. A questão já não será somente saber quem prepara a mesa, mas o que acontece quando o convite é feito e como aqueles que são convidados respondem àquilo que o Rei preparou.

2.1 Mateus 22.1-14 — Estudo do Evangelho

v.1 — Καὶ ἀποκριθεὶς ὁ Ἰησοῦς... "E Jesus, respondendo..."

O πάλιν ("novamente") é importante. Jesus continua falando por parábolas no contexto de confronto com aqueles que questionam sua autoridade. Mateus 21 já

apresentou a entrada em Jerusalém, a purificação do templo e diversas controvérsias com os principais sacerdotes e anciãos.

Portanto, a parábola não aparece isoladamente. Ela participa do anúncio de que o Reino chegou em Jesus Cristo, mas também da denúncia daqueles que rejeitam o Rei e sua Palavra.

O texto começa, portanto, colocando-nos diante de Jesus que fala. A parábola não é uma história genérica sobre comportamento religioso; é palavra do próprio Rei acerca do Reino.

v.2 — Ὡμοιώθη ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν… "O Reino dos Céus é semelhante…"

Aqui está uma das chaves de leitura: Ὡμοιώθη — "foi comparado", "é semelhante". O sujeito da comparação é ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν, o Reino dos Céus.

E o Reino é comparado a: ἀνθρώπῳ βασιλεῖ — "um homem, um rei". O rei ποίησεν γάμους τῷ υἱῷ αὐτοῦ — "fez/preparou uma festa de casamento para seu filho".

Há algo extraordinariamente importante aqui: o Reino começa com aquilo que o Rei faz. Não são os convidados que organizam a festa. Não são eles que preparam a mesa. Não são eles que produzem o Reino. O Rei prepara a festa para o Filho.

E isso impede que a parábola seja reduzida a uma exortação moral do tipo "faça sua parte para entrar no Reino". O ponto de partida é a iniciativa graciosa do Rei.

Cristologicamente, o Filho não é um detalhe da narrativa. A festa é feita para ele. O Reino dos Céus está inseparavelmente ligado à pessoa de Jesus Cristo. A compreensão luterana do Reino também ressalta que Mateus concentra sua atenção no Cristo como Rei messiânico. Antes de qualquer resposta humana, Deus age.

v.3 — τοὺς κεκλημένους… "os convidados"

Duas palavras merecem atenção: κεκλημένους — particípio perfeito passivo de καλέω, "chamar". Literalmente, são aqueles que foram chamados/convidados.

E: οὐκ ἤθελον ἐλθεῖν — "não quiseram vir". Temos aqui uma tensão fundamental da parábola.

O convite é verdadeiro. O chamado é real. O problema não está na falta de generosidade do Rei, mas na resposta daqueles que foram chamados.

É uma excelente passagem para distinguir Evangelho e Lei: o convite pertence à iniciativa graciosa do Rei; a recusa manifesta a dureza e o pecado do ser humano.

Não devemos inverter a ordem dizendo: “Se você for bom o suficiente, o Rei o convidará”. Ele convida primeiro.

v.4 — Ἰδοὺ τὸ ἄριστόν μου ἡτοίμακα... “Eis que preparei o meu banquete”

Aqui está talvez uma das frases mais bonitas da perícope.

ἡτοίμακα — perfeito ativo de ἑτοιμάζω: “preparei”, “deixei pronto”.

O banquete já está preparado. E o rei enumera: “meus bois e os animais cevados foram abatidos, e tudo está pronto”.

O πάντα ἕτοιμα — “tudo está pronto” — é especialmente significativo. A ordem é: o Rei prepara, o Rei manda chamar, o convidado vem.

Não: o convidado se prepara, merece, então recebe.

Aqui encontramos um excelente ponto de contato com a doutrina da graça: Deus tomou a iniciativa da salvação e Cristo realizou aquilo que o pecador jamais poderia realizar. A justificação tem sua origem na iniciativa graciosa de Deus e na obra de Cristo, não em alguma cooperação meritória do pecador.

“Quando o Rei chama, ele não diz: ‘Venha e prepare o banquete’. Ele diz: ‘Venha, porque tudo já está preparado’.”

v.5-6 — ἀμελήσαντες... ὕβρισαν καὶ ἀπέκτειναν

Agora aparece a Lei de maneira muito forte.

ἀμελήσαντες — “não dando importância”, “negligenciando”, “não se importando”.

Alguns simplesmente voltam para seus interesses:

εἰς τὸν ἴδιον ἀγρόν — seu próprio campo;

ἐπὶ τὴν ἐμπορίαν — seu negócio/comércio.

É uma rejeição bastante contemporânea, inclusive. Eles não precisam necessariamente declarar: “Eu odeio o Rei”. Basta que tenham coisas mais importantes para fazer.

Outros vão além: agarram, humilham e matam os servos. A parábola passa da indiferença à hostilidade.

Aqui há uma palavra pastoral muito forte: o Evangelho pode ser rejeitado não somente pela oposição aberta, mas também pela indiferença.

O campo e o comércio podem ocupar o lugar que pertence ao Rei.

v.7 — ὁ δὲ βασιλεὺς ὠργίσθη

ὠργίσθη — “ficou irado”.

Não devemos suavizar essa palavra. Deus leva a sério a rejeição de sua Palavra. A ira não contradiz a graça. Pelo contrário: a seriedade do juízo revela a seriedade da rejeição do Evangelho.

A referência à destruição da cidade também se relaciona fortemente com o contexto de Mateus e pode ser compreendida à luz da destruição de Jerusalém. Contudo, para o recurso homilético, eu evitaria fazer desse detalhe o centro da mensagem. O centro é a rejeição do convite do Rei e seu juízo.

v.8 — οἱ δὲ κεκλημένοι οὐκ ἦσαν ἄξιοι

“Os convidados não eram dignos.”

Aqui precisamos tomar cuidado com ἄξιοι. Não significa que aqueles que finalmente entram sejam pessoas que, por suas próprias qualidades, tornaram-se dignas.

Os primeiros convidados demonstraram sua indignidade pela rejeição do convite. A dignidade não é uma qualidade moral produzida pelo convidado. O banquete continua sendo obra e preparação do Rei.

v.9-10 — ὅσους ἐὰν εὕρητε καλέσατε

Agora ocorre uma grande mudança: “quantos vocês encontrarem, convidem para as bodas.”

E os servos:

συνήγαγον πάντας — “reuniram todos”.

E Mateus acrescenta:

πονηρούς τε καὶ ἀγαθούς — “maus e bons”.

Isso é maravilhoso para uma teologia luterana da graça.

Quem está na sala? Bons e maus.

Não porque o Rei tenha encontrado pessoas suficientemente boas, mas porque o convite é gracioso. Aqui aparece a universalidade do chamado do Evangelho. A igreja não é uma reunião de pessoas que conseguiram se tornar dignas antes de chegar. É uma comunidade formada pelo chamado da graça.

A teologia luterana insiste que a justificação não repousa na transformação moral do indivíduo, mas na graça de Deus por causa de Cristo; a santificação vem como fruto da justificação, e não como sua causa.

Possível imagem homilética: “Na porta do salão não há uma placa dizendo: ‘Somente os bons entram’. Há um convite.”

v.11-12 — ἔνδυμα γάμου — “veste de casamento”

Aqui está a parte mais delicada da parábola. O rei encontra alguém:

μὴ ἐνδεδυμένον ἔνδυμα γάμου

“não vestido com veste de casamento”.

E pergunta:

πῶς εἰσῆλθες ὧδε;

“Como você entrou aqui?”

O homem fica ἐφιμώθη — literalmente, “foi amordaçado”, “ficou sem palavras”.

O texto não explica explicitamente de onde veio a veste. Por isso, eu teria cautela em afirmar que o Rei necessariamente forneceu a veste como se isso estivesse explicitamente narrado.

Mas, teologicamente, há uma associação extremamente rica com a Escritura: o pecador é vestido por Deus com a justiça de Cristo. O próprio material luterano que temos disponível expressa essa realidade dizendo que, no Batismo, Deus veste o cristão com Cristo e lhe concede sua justiça.

Assim, para fins homiléticos, a veste pode ser apresentada como uma imagem da justiça que não produzimos para nós mesmos, mas que recebemos em Cristo.

Isso evita um erro muito comum: interpretar a veste como "boas obras suficientes para Deus".

Não. Se a parábola fosse sobre entrar vestido com nossas próprias boas obras, então a justificação seria novamente colocada sobre nós.

O problema do homem não é que ele não tenha produzido boas obras suficientes. O problema é que ele está no banquete sem a veste apropriada.

E aqui a Lei atinge inclusive quem está dentro da igreja.

v.13 — ἐκβάλετε αὐτὸν εἰς τὸ σκότος τὸ ἐξώτερον

O juízo é real: ἐκβάλετε — "lancem-no fora".

E aparece uma das imagens recorrentes de Mateus: "as trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes".

Isso impede que façamos da parábola uma mensagem sentimental sobre inclusão. A graça de Deus não elimina o juízo.

O Evangelho é gratuito, mas não é indiferente à rejeição. O mesmo Rei que prepara o banquete também julga. Há, portanto, uma dupla advertência: não rejeitar o convite; não presumir que simplesmente estar dentro da festa torna alguém salvo.

Isso é particularmente importante para uma congregação cristã. A parábola não fala apenas "para os de fora". Ela também examina aqueles que já estão sentados à mesa.

v.14 — πολλοὶ γάρ εἰσιν κλητοί, ὀλίγοι δὲ ἐκλεκτοί

"Porque muitos são chamados, mas poucos são escolhidos."

Aqui precisamos ser muito cuidadosos confessionalmente.

κλητοί — chamados.

ἐκλεκτοί — escolhidos/eleitos.

Não devemos usar esse versículo para especular sobre um decreto secreto de Deus que condenaria determinadas pessoas sem considerar sua rejeição de Cristo.

O material confessional disponível é bastante claro ao tratar da eleição: a condenação não deve ser atribuída a um decreto eterno de reprovação, mas à rejeição da Palavra do Evangelho.

Para a pregação, eu faria o movimento mais seguro:

Não especular sobre quem Deus não escolheu. Anunciar a todos que o Rei chama.

A eleição deve ser usada para consolar o pecador que está em Cristo, não para produzir curiosidade sobre os decretos ocultos de Deus. E isso nos leva novamente ao início: “Tudo está pronto.”

3 O QUE EU PREGARIA

Uma ideia interessante, e como sugestão de *hino do dia*, deixaria Mateus 22.1-14 e o hino “*Tal como estou, tão pecador”* (122 do Louvai ao Senhor) como duas vozes que interpretam uma à outra. A primeira abordagem poderia explorar a expressão “Tal como estou”: os convidados são encontrados “maus e bons” (Mt 22.10), e o hino reconhece que não chegamos ao banquete apresentando méritos, mas como somos — pecadores, inclinados ao mal, necessitados de paz e salvação. A segunda poderia partir de “a teu convite chego aqui” e chegar a “tudo está pronto” (Mt 22.4): o movimento da salvação não começa no pecador, mas no Rei que prepara o banquete, chama e acolhe; por isso, a fé simplesmente abandona a pretensão de apresentar sua própria justiça e vem a Cristo: “Cordeiro santo, venho a ti”. O ponto cristocêntrico poderia ser justamente este: não somos recebidos porque chegamos dignos; somos recebidos porque o Cordeiro derramou seu sangue e, nele, recebemos remissão e salvação.

Como introdução, uma possibilidade bastante concreta seria partir de uma situação conhecida: uma pessoa recebe um convite para uma ocasião muito importante e, antes de sair de casa, passa horas pensando se está suficientemente bem-vestida, se

sua aparência corresponde ao lugar, se será aceita entre aquelas pessoas. Podemos até imaginar alguém chegando à porta, olhando para si mesmo e pensando: “Será que estou adequado para entrar?”. A parábola, porém, desloca radicalmente essa preocupação: o problema fundamental não é o convidado produzir sua própria dignidade, mas receber aquilo que o Rei preparou. E então o hino responde de maneira profundamente cristã: “Tal como estou, tão pecador... a teu convite chego aqui”. A pergunta homilética pode surgir naturalmente: “Com que você pretende chegar diante de Deus?” Com aquilo que fez, com aquilo que gostaria de ser, com uma vida que ainda precisa consertar, ou tal como está, confiando no divino amor e vindo ao Cordeiro?

A partir daí, o sermão pode seguir por dois caminhos: “Tal como estou” — enfatizando a realidade do pecado, a incapacidade humana e a graça que recebe o pecador; ou “Venho a ti” — enfatizando o chamado do Rei, a fé que recebe a promessa e a centralidade de Cristo. Nos dois caminhos, o ponto de chegada deve permanecer o mesmo: “Tal como estou, me acolherás e a remissão concederás, pois ao teu sangue recorri.” A veste nupcial, então, pode ser tratada não como aquilo que o pecador fabrica para tornar-se aceitável, mas em conexão com a justiça que recebe de Cristo. Assim, o convite do Rei não é “torne-se digno e venha”; é, em Cristo: “Venha, porque tudo está pronto.”

Rev. Lucas M. L. Souza
Bento Gonçalves/RS